

Intervir no corpo para reconfigurar a vida

Maria Gabriela Gama¹ (Universidade do Minho – Portugal)

Resumo: Neste artigo, propomo-nos abordar a problemática do corpo na contemporaneidade. Na linha de Espinosa será que sabemos do que um corpo é capaz? Será que sabemos o que pode um corpo? E a pele?

Palavra-chave: corpo, identidade, tecnologia

Abstract: In this paper, we propose to address the problem of the body in contemporary society. In line with Spinoza is that we know a body is capable? What do we know can a body? And the skin?

Keywords: body, identity, technology

Desde sempre subalternizado, o corpo rendeu-se durante muito tempo aos desígnios da religião, do conhecimento científico, do pensamento filosófico, da expressão artística e literária e deparou-se com limitações impostas, por um lado, pela tradição católica (que o cindia da alma) e, por outro, pelo iluminismo (que proclamava a superioridade da razão). De Platão a Descartes e a Freud, o corpo foi sempre um mero instrumento ao serviço de desígnios estranhos, moldado de acordo com as imposições pedagógicas, éticas e epistemológicas de cada cultura e de cada período histórico.

Assim, tratava-se de entender o corpo como um súbdito obediente da vontade de domínio, uma vez que sempre se pensou o corpo como uma entidade dissociada da alma, mecânico, submisso a ordens que lhe são externas. Mais recentemente, encarar o corpo separado do corpo, é perspectivar uma perturbante viagem pela imaterialização e digitalização do mesmo. Moisés de Lemos Martins (2005:55) refere:

“A entrada neste admirável mundo novo da cibercultura tende a pôr, de facto, em causa todas as divisões, e ao mesmo tempo a divisão. Pela tecnologia do virtual, misturam-se a presença e a ausência, o próximo e o distante, o pesado e o leve, a aparência e a realidade. Entram em crise as fronteiras entre o real e o virtual”.

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação, com linha de pesquisa em comunicação e moda pela Universidade do Minho – Portugal. Orientação: Dr. Moisés de Lemos Martins, presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – SOPCOM – E-mail: mgama@ics.uminho.pt

Se, no passado, o corpo era perspectivado como suporte identitário, hoje não passa de um adereço sujeito ao design constante da medicina, ou da informática. Deparamo-nos com uma hibridez que nos leva a questionar o que somos. O corpo torna-se espaço de criação e palco de múltiplas sensações. O avanço da tecnociência nos domínios da informática, da robótica, da cibernética, da engenharia genética e das nanotecnologias, adquire uma maior sofisticação e complexidade, problematizando a debilidade das fronteiras entre a natureza e a cultura, o biológico e o tecnológico, o orgânico e o inorgânico, o material e o imaterial. Segundo Bragança de Miranda (2002:61):

“Tudo indica que, mais do que um abrigo, o corpo é o palco de um assédio onde algo de essencial está em causa. Mas não nos enganemos, tal assédio não ataca um corpo cada vez mais fragilizado pelas forças desencadeadas na actualidade. O que está sitiado é o humano e a sua liberdade e o «corpo» é cúmplice desse assédio”.

Mas será que, na esteira de Espinosa, temos noção da capacidade de um corpo? O corpo é o lugar de toda a travessia humana. O corpo é o mais íntimo e o mais estranho. Marcado pela ambiguidade, o corpo é o que não sabemos. Apesar de o corpo ser o que de mais concreto possuímos, será que sabemos o que pode um corpo? Do que um corpo é capaz? Vamos ater-nos ao que nos diz Deleuze, (1981:168): Eis porque Espinosa lança verdadeiros gritos: “não sabemos do que sois capazes, no bom e no mau, não sabeis antecipadamente do que pode um corpo ou uma alma, num encontro”.

Na linha de Espinosa, deparamo-nos com a antevisão que o filósofo faz da neurociência moderna ao não separar o corpo da mente, mas unificando-os, ao mesmo tempo em que atribui um papel às emoções e aos sentimentos como partes importantes na continuidade da cultura humana, como nos diz Deleuze, (1981:28) ao citar Espinosa: “Não sabemos o que pode um corpo...” Esta declaração de ignorância é uma provocação: falamos da consciência e dos seus decretos, da vontade e dos seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões.

Na actualidade, esta problemática tem um novo desenvolvimento em António Damásio. Depois de escrever *O Erro de Descartes* (1994) e *O Sentimento de Si*, (1999), António Damásio surpreendeu-nos com mais uma obra – *Ao Encontro de*

Espinosa (2003) – onde mente e corpo nos aparecem como indivisíveis e onde nos explica o que, segundo o autor, já tinha ocorrido a Espinosa: somos fruto de uma mente a que equivale o sentimento e de um corpo a que condiz uma emoção e, para compreender o todo que enforma o ser humano, temos de perspectivar os sentimentos como estados peculiares do corpo.

O corpo exprime-se através de afectos, de sentimentos, de emoções e de relações enquanto corpo sentido. Para Merleau-Ponty (1968) é transversalmente ao nosso corpo que apreendemos os outros, e entendemos o que nos rodeia. Esta reconsideração do estatuto do corpo toma lugar no discurso científico contemporâneo, em que o corpo é tomado como simples suporte da pessoa, que pode e deve ser aprimorado, cinzelado, uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal. O corpo tornou-se uma verdadeira obsessão. Está perturbadoramente em todos os lugares. Glosado, transfigurado, metamorfoseado, pesquisado, dissecado. O corpo foi-se tornando, assim, num nó de múltiplos investimentos e inquietações. Corpo reivindicado como fonte de criação. Corpo como espaço onde o mundo é questionado. Entendimento

Os avanços da tecnociência, da biotecnologia, da engenharia genética, da medicina, da cibernética e da teleinformática revolucionaram o modo como o homem se pensava enquanto identidade singular. O nosso modo de perspectivar o corpo, de o cuidar, de evitar doenças, de banir a dor e aspirar à imortalidade, implica, agora, novos recursos que têm de ser revistos face aos paradigmas do passado.

O corpo é objecto de pesquisas tecnocientíficas, sendo cada vez mais perscrutado, indagado ao mais ínfimo pormenor, palco de enxertos, modificações e adaptações. Acima de tudo, o corpo passa a ser perspectivado como um amontoado de órgãos, susceptível de uma multiplicidade de combinações assentes numa perspectiva de resultados que a tecnociência garante. E esta adverte-nos que um corpo não avocado pela técnica é indigno: só a técnica pode restaurar e assegurar todas as lacunas.

A administração do corpo à maneira da *technè* revela-se em práticas sociais, ou seja, o homem dispõe de psicotrópicos que cinzelam o humor. A *body art* é o zénite do aparelhamento artístico do corpo, na medida em que perspectiva o corpo como um suporte material que se pode manusear como campo de criação e de exposição.

Os adeptos da ciberarte, ao pretenderem alterar o corpo, transformam-no em material passível de ser manipulado e suprível em novos momentos de criação rumo à digitalização e à imaterialidade. Ocorre-nos citar Baudrillard (1997:121):

“Hoje não pensamos no virtual; somos pensados pelo virtual. (...) Não podemos imaginar o quanto o virtual já transformou, como que por antecipação, todas as representações que temos do mundo”.

E o corpo?

O corpo torna-se plasticidade, torna-se flexibilidade. Matéria a delinear, a reajustar, o corpo torna-se provisório podendo, a qualquer momento, ser manuseado, e, simultaneamente, passível de múltiplas combinações. O corpo como lugar de encenação de si, como adereço, como construção de um corpo em devir, como espaço de transição, de transmutação, de busca de si próprio na recriação constante. Parece que assistimos, então, a uma transformação do corpo como matéria-prima passível de se alterar permanentemente.

Como dissemos anteriormente, se, no passado, em nome da fé, o corpo era reduzido à expressão de subversão, mais tarde veio a transformar-se em espaço de punição, isto é, trata-se de castigar um corpo que nunca atinge a perfeição. Para Grugier (2003:226), “Uma coisa é certa: a nossa visão do corpo mudou radicalmente com o poder da ciência e da tecnologia no nosso meio ambiente”.

Deixando de ser emblema do *self*, o corpo transformou-se num *kit*, numa soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo, apreendido numa manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal. A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se à sua superfície. É preciso colocar-se fora de si para se tornar si mesmo. Para Le Breton, (1990:132):

“Hoje o corpo constitui um alter-ego, um duplo, um outro si mesmo, mas disponível a todas as modificações, prova radical e modulável da existência pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou duravelmente”.

Parece-nos que o corpo se converteu numa prótese de um eu em permanente devir, que exige o esforço contínuo de trabalhar o corpo.

O corpo é alicerce de uma identidade apurável que, se não permite a mudança das condições de existência, possibilita uma metamorfose do corpo de várias maneiras. O design corporal é uma indústria que progride em função da alteração da aparência, como forma de cultivar a carne, em busca da perfeição. No enalço de Kerckhove (1997:213):

“Como, em qualquer período dado, o *design* afecta mais do que um só objecto ou linha de produtos, acaba por trazer à superfície o que poderíamos chamar os «harmónicos» da cultura. Cada tecnologia produz tons harmónicos no som, sabor, cheiro, cor e forma. O design é claro, pode exprimir-se a muitos níveis e em muitos modos metafóricos”.

Na contemporaneidade o corpo é percebido como um espaço dotado de plasticidade e de maleabilidade, passível de ser alterado em função da vontade do humano, rumo a uma construção e afirmação da sua subjectividade. O corpo transforma-se em objecto de diferenciação, espaço de singularidade. Na esteira de Jeudy (1998:63): “A própria pele é um ‘existir’ que se dá a ler, a ver e a tocar. Em vez de considerá-la como uma superfície intermediária entre o fora e o dentro, parece que no dia-a-dia, ela é mais uma superfície de auto inscrição, como um texto”. O corpo permite conjugar uma multiplicidade de outros corpos através de possibilidades de identidade provisórias ou definitivas. É como se se tratasse de um corpo dentro de outro corpo; um corpo marcado pela pluralidade; um corpo parceiro cuja flexibilidade permite uma constante transmutação, rumo a uma identidade que nunca está concluída e que possibilita novos modos de fabricação de si.

Vivemos, assim, o tempo do homem como *bio engineer*, ocupado na labuta da fabricação da sua identidade, atarefado com a rectificação e a optimização de si, sempre empenhado em melhorar as performances da sua “máquina”. Cada um de nós é responsável por si. Nessa luta, sem vencedores nem vencidos, a cada rodada algo de novo tem que ser adicionado: uma nova droga, um novo índice de massa muscular, uma nova dieta, um novo tratamento, uma nova técnica, uma nova plástica, uma nova silhueta, uma nova moda.

É relevante administrar o seu próprio corpo como se administram outros patrimónios dos quais o corpo se diferencia cada vez menos. O corpo tornou-se num empreendimento a ser zelado da melhor maneira possível no interesse do sujeito. A chancela de propriedade é o arquétipo da ligação com o próprio corpo na

contemporaneidade. O corpo compreende a multiplicidade de infinitos outros corpos que o homem pode patentear tornando-se o artesão do seu parecer e dos seus afectos. Converteu-se na prótese de um eu, perpetuamente na procura de uma encarnação transitória de modo a afiançar um indício significativo de *si*. Trata-se de aderir a uma identidade fátua, mas substanciosa para si. O corpo tornou-se uma matéria inacabada, um esboço a ser corrigido. Está em causa alterar o corpo para modificar a vida. Nunca o corpo foi tão exaltado como na contemporaneidade. O corpo com o qual coabitamos é, assim, um corpo aperfeiçoado, redefinido, cosido.

Esta obliquidade que perspectiva o corpo como um corpo a fazer-se, penitencia-se pelas suas restrições, pelos seus limites. Ou seja, nunca um corpo é deveras perfeito ou suficientemente belo. Está em causa punir um corpo imperfeito que não corresponde ao arquétipo ideal.

A busca da perfeição refuta toda a inacção. O imperativo tecnológico, ao invés de coagir, mostra-nos as façanhas da técnica, na busca de um corpo sem defeito. Os profetas sugerem novos horizontes na busca da intemporalidade e de uma normalidade exemplar, em que a perfeição funciona como arquétipo de um corpo ideal que rompe com os corpos reais.

E a pele? A pele, através de todo o tipo de inscrições e transformações, foi também acoplada pela tecnologia e passou a ser uma tela, deixando de traduzir um encerramento, ultrapassando os limites entre o interior e o exterior do corpo.

Sendo a pele um invólucro do corpo, mostra-o ao mundo ou oculta-o? Como realidade do corpo, a pele é uma forma de afirmação e, segundo Paul Valéry, “a pele é o órgão mais profundo do corpo”. Em conclusão, e na linha de Mourão (2007:19): “Ora, não é a pele o lugar que limita a carne, que a delimita? E não é ao mesmo tempo o modelo de diversos tipos de invólucro que a circundam, diversos sob a base de diversos sentidos”?

Bibliografia

AUGÉ, Marc (1992) *Non-Lieux – Introduction à une Anthropologie de la Surmodernité*. Paris: Éditions du Seuil.

BRUCKNER, Pascal (2002) [2000], *A Euforia Perpétua – Ensaio sobre o Dever da Felicidade*. Lisboa: Editorial Notícias.

BAUDRILLARD, Jean (1997), *Écran Total*. Paris: Éditions Galilée.

CERTEAU, Michel (1994), *A invenção do quotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes.

GRUGIER, Maxence (2003), L' Utopie Cyborg – Réinvention de l'humain dans un futur sur-technologique, in *Modifications Corporelles*. Quasimodo 7 : Montpellier pp.223-236.

JEUDY, Pierre-Henri (1998), *Le Corps comme object d'art*. Paris : Armand Colin.

KERCKHOVE, Derrick (1997) [1995], *A Pele da Cultura – uma investigação sobre a nova realidade electrónica*. Lisboa: Relógio d'Água.

LE BRETON, David (2003) [1999], *Adeus ao Corpo*. São Paulo: Papirus.

LE BRETON, David (2003), “L'incision dans la chair- Marques et douleurs pour exister”, in *Modifications Corporelles*. Montpellier : Quasimodo 7pp. 89-104.

MIRANDA, José Augusto Bragança de (2002), “Carne”. In *Corpo Fastforward*. Lisboa. Publicação Porto 2001: Ópio.

MARTINS, Moisés (2002), “O Trágico como Imaginário da Era Mediática” in *Revista Comunicação e Sociedade* 4:Braga,pp.73-79.

MARTINS, Moisés (2005) “A Razão Comunicativa nas Sociedades Avançadas” in *Rumos da Sociedade da Comunicação*. Lisboa: Veja pp. 51-57

MERLEAU-PONTY, Marcel (1968), *The visible and the invisible*. Evanston: Northwestern University Press.

MOURÃO, Augusto José (2007), “Evocação da tecnologia: fantasmas, determinismo da utopia”, in *Revista de Comunicação e Sociedade* 12. Braga: Campo das Letras, pp.11-22.

SANTAELLA, Lúcia (2004), *Culturas e artes do pós-humano – Da cultura das mídia à Cibercultura*. São Paulo: Editora Paulus.